

O FILHO DO GURARI⁸⁵

A Leal de Souza

Alors le fils comprit de quel lien, supérieur à ceux inventés par la poésie, la race retient la race.

PAUL ADAM: *La Force.*

Meu pai não era vaqueiro,
Mas amansou barbatão,
Com meia braça de corda
Chegou um touro ao mourão.
Eu por ser filho dele
Trago a mesma opinião.

QUANDO O MANÉ DA ZEFA GOMES fechou a boca, a assistência riu ruidosamente. Depois calou-se. Vibrou, então, na noite enluarada o gemido saudoso das violas. Ao apagar-se de todo, o João de Banga largou a voz pausada numa resposta esmagadora:

Quando mamãe me pariu
Foi dentro duma panela,
Da queda que ela me deu
Eu quebrei uma costela.
Chegou meu pai perguntando:
— Muié, cadê nosso fio?
— Está sentadinho no banco
Já cantando desafio.

Sonora e alta, ecoou uma gargalhada geral. E os grupos de homens e mulheres reunidos pelo alpendre foram de novo entrando para a sala, onde as harmônicas começavam de soar, fanhosas, na arrastada cadência duma valsa francesa deturpada pelo sertão.

Tinham-se interrompido as danças para se escutar o desafio entre o Mané da Zefa Gomes e o João de Banga. Pares e tocadores saíram ao alpendre. Agora tornavam a continuar o samba.

Sentado a um banco, só, o Coronel Delmiro Caxiara, potentado da ribeira, o mais rico fazendeiro e o mais afamado caudilho do cangaço daquelas paragens, seguia com os olhos o seu filho de cria-

⁸⁵ A ação deste conto passa-se há cem anos atrás, mais ou menos (*Nota do autor*).

ção, o Dudu, dançar com a afilhada da Maria Gonçalo, que era uma cunhã bonita, apertando-a um pouquinho demais sobre o peito largo. O Coronel olhava-o, examinando-lhe o talhe másculo, a rijeza daquele corpo de vinte anos, lendo, escrita nas linhas do seu rosto, a valentia ardente da raça forte de que provinha. E já não tinha sido uma única vez que ele, ao seu lado, em recontros sangrentos, dera provas da mais louca coragem.

Criara-o desde quatro meses de nascido, quando inda era lourinho e tenro, de olhos agateados e inquietos. Educara-o nos rudes misteres da vida da fazenda e da vida do cangaço. Era bem um discípulo seu. Com doze anos já esfolava uma rês, para se acostumar com o sangue. Com dezoito era vaqueiro perito entre os mais peritos e já derrubara Simeão dos Otós, a faca, no terreiro espanado da mulata Micaela, que ele consolava da viuvez e que o Simeão com sua prosápia metera-se a conquistar. Hoje, com a idade, ganhava cada vez mais em músculos e em violência. Tinha o ânimo mais arrebatado daquelas redondezas. Temiam-no. O cabelo castanho guardava ainda um reflexo metálico do louro da meninice. Os olhos eram os mesmos olhos verdes, sensuais e fortes, duma cor profunda, duma transparência tão grande, que pareciam deixar entrever toda uma história de ascendência européia vinda por um mar calmo, claro sob o sol, onde riscavam caminhos caravelas altas em busca do ignoto...

O velho chefe de cangaceiros ferozes mirava orgulhoso a esbelteza física e estudava as qualidades de alma do seu filho adotivo. Muita vez, embevecido nas coisas dele que lhe contavam, ia até se esquecendo de que em verdade não era seu pai. Então, recordava a história daquele menino, que dava agora o que falar pela ribeira. Não era seu filho, infelizmente; no entanto, era o filho do homem que mais odiara e cujo corpo palitara com a ponta da faca. Lembrava o seu passado distante, ajuntando as já dispersas lembranças. Sempre, desde os tempos em que acompanhava seu pai às guerras sertanejas, que se lhe entranhava nalma, cada vez mais fundo, o velho ódio de raça e de família contra os Holandas alourados, de olhos glaucos, que dominavam para o sul, aparentados com os Cavalcantis, dos lados do Jaguaribe, que teimavam em assinar atas de eleição ou da câmara municipal com tê-i-ti, riscando nos lugares que o escrivão pusera Cavalcante com tê-e-te...

Os seus eram os Caxiaras e vinham, assim o afirmavam com o maior orgulho, de portugueses e dum chefe índio, que governara os insofridos Paiacus. Ainda o seu cabelo escorria lustroso e as suas barbas nasciam perpendiculares e duras. As maçãs do seu rosto estufavam-se e o tom de cobre que lhe sujava o corpo não era da soalheira, mas sim vestígio honroso da raça primeva e aborígene do

sertão adusto. Ele não era dos que apregoavam nobreza do reino, nem parentesco com os holandeses de Matias Beck e George Gastremann, nem avoengos trazidos por Duarte de Menezes, nem ligações antigas com os fidalgos da Itália, como faziam aqueles tripeiros do Jaguaribe em qualquer reunião onde fossem, levando gente às suas casas para mostrar umas louças pintalgadas de azul, que diziam ser da Índia, e o retrato dum sujeito enfarpelado em vermelho, com uma larga corrente de oiro ao pescoço, que eles apontavam como tendo sido grande coisa nos paços de Lisboa.

Transmitira-lhe o ódio intenso a sua família toda. Nele esse sentimento aumentara dia a dia, até que, por um pretexto de gados sumidos e de marcos de terras derrubados, declarou-lhes guerra. De surpresa, à frente de seus cangaceiros, atacou-lhes a fazenda. Lá só estavam vaqueiros e gente da família. Não esperavam o ataque, mas defenderam-se como heróis. Até as mulheres pegaram em armas. O próprio Delmiro dizia que os fidalgotes tinham morrido como homens. O seu bando numeroso ficou reduzido à metade. Arremeteu, porém, contra a casa, ateou-lhe fogo aos cantos e entrou pelas portas arrombadas, à frente da chusma, ceifando vidas. A pontaços de parnaíba rasgou a tela, onde o palaciano português estufava o peito rubro, e homens, mulheres e meninos, todos foram mortos a faca, a tiro e a coice de arma. . .

A um canto, porém, ainda deitado na rede pequena, com varandas ricas, bordadas pelos cuidados da mãe carinhosa, uma criancinha de meses chorava, rosada, rosada e gorda, em esperneios aflitivos. O Pedro Mulato ergueu a faca sobre o inocente, mas não a baixou. O velho chefe pegou-lhe o braço. O seu coração empedernido amoleceu-se àquele instante. Não pudera dominar a sua emoção. Fora a única fraqueza que jamais cometera. Ele mesmo nem sabia por quê.

Embrulhada numa manta, a criança foi levada para a sua fazenda. Criou-a. Era hoje aquele guapo rapaz de vinte anos, do qual por vezes se orgulhava. Mas logo que se lembrava da sua origem, voltava-lhe o ódio inacabável aos Holandas, aos Cavalcantis, aos Cunhas Pereiras, aos Peixotos e aos Bessas, a todos aqueles que no seu sertão, no sertão dos seus avós, usavam quatro, cinco nomes, arrotando pomposidades de fidalguias ante os seus dois nomes, dos quais um ainda vinha de Portugal, e outro era a ascendência inteira dos tapuias. Nessas ocasiões quase odiava o seu pupilo. Tinha ímpetos de desmascarar-se perante ele: — Sou o assassino de teu pai, de tua mãe, de teus irmãos, de teus parentes e acostados! O incendiário de tua casa e o saqueador dos teus bens e o homem que poluiu as mulheres de tua raça! Mas como sou ainda mais forte do que tu, morre!

Vivia, assim, de alternativas: ora, num esquecimento daquela velha história, revendo-se no discípulo que fizera; ora, a lembrar-se dos inimigos passados, odiando o filho dos seus antagonistas. Ele era no físico o retrato ignóbil da raça, mas no moral fora até bem pouco, estava convencido, o seu retrato, porque ele o fizera sem entranhas e sem pavor. Até bem pouco, porquanto há dias impedira o Pedro Mulato de matar os filhos do Batista, na tomada sangrenta da fazenda desse seu inimigo. A sua generosidade inconsciente naquele momento ficou o pesadelo do velho. Ali estava no moral do pupilo a qualidade primordial da ascendência paterna. E o velho Delmiro tremia, só de pensar que o Dudu chegasse um dia a saber por portas travessas da história do seu nascimento. O Pedro lhe afirmara que o seu gesto generoso fora o gesto do Manuel de Holanda, no Oriá, salvando da morte, depois de luta rude, os restos dispersos do inimigo derrotado... A esse Manuel de Holanda, pai do Ludu, chamavam o Gurari, nome dum pau duro e espinhoso, qualidades que tinha na luta com seus inimigos.

Nessas cogitações perdia-se o velho cangaceiro, quando o Mulato, sentando-se-lhe ao lado, a adivinhar-lhe no rosto o que pensava o cérebro, tornou-lhe a falar sobre aquele ato do Dudu no assalto da casa do Batista. Era já a décima vez que, como velho servo dedicado, abria os olhos do amo. Ah! ele tomasse cuidado, se um dia o menino soubesse da sua origem e da morte dos pais. Então matá-lo-ia, embora fosse ele o seu pai de criação. Estudava a sua fisionomia e dia a dia notava que nela não se pintava amizade pelo pai. Antes ali vinham reflexos de uma antipatia íntima, que o próprio rapaz não se explicava e, debalde, queria banir. O melhor meio era matá-lo. Poupava-se o Coronel a desgostos futuros. Ele estava pronto a fazer o serviço.

Conversaram assim algum tempo. Depois o cangaceiro afastou-se e o Coronel ficou a meditar, o queixo preso nos dedos crispados.

Mas estrugiu no samba o barulho duma disputa. Os valsistas encostaram-se trêmulos às tacaniças. Mulheres gritavam. Dois caboclos fortes, cangaceiros do Coronel, por um motivo fútil e injusto queriam furar o bucho dum pobre homem, aparentado ainda aos Cavalcantis. Insensível, antes gozando ainda no seu ódio, o Coronel não se interpunha entre o infeliz transido de medo e as facas nuas dos dois valentões. Ninguém se mexia. Então o Dudu, tirando um peia-boi do seu prego na parede, brandiu-o no ar, e, duro, firme, chispando fogo dos olhos agateados, apontou aos miseráveis a porta da saída. Não ousaram desobedecê-lo. Saíram resmungando. O Coronel pôs-se de pé, raivoso, resmoendo o bigode. Aquele gesto punha-lhe fim às cogitações. Decidia-o. Com um sinal chamou o Mulato e deu-lhe uma ordem ao ouvido.

Já manhã, com o sol de fora e pássaros cantando nos matos dourados, ao lento passo do castanho, o rosto amarrotado da noite de folgança, o Dudu regressava à casa, mastigando a ponta apagada do cigarro de palha.

Súbito, dum fechado de umarizeiras partiu um tiro de lacambeche.³⁶ Abriu os braços e caiu de lado no chão duro, com um baque surdo. Não deu um grito, não teve um estremeção. A bala varara-lhe o peito. Espantado ao tiro e à queda do cavaleiro, o cavalo desembestou aos galões pela estrada em fora, em busca da fazenda...

³⁶ Nome sertanejo das antigas espingardas de pederneira (*Nota do autor*).